



Calidoscópico

E-ISSN: 2177-6202

calidoscopio@unisinis.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
Brasil

do Nascimento Flores, Valdir

Sobre "A unidade da lingüística", sobre a lingüística e sobre o lingüista

Calidoscópico, vol. 6, núm. 3, septiembre-diciembre, 2008, pp. 157-159

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=571561893001>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Valdir do Nascimento Flores  
valdirnf@yahoo.com.br

## Sobre “A unidade da lingüística”, sobre a lingüística e sobre o linguista On “The unity of linguistics”, on linguistics and the linguist

**RESUMO** – Este artigo comenta a publicação da versão brasileira do texto “A unidade da lingüística” de Dominique Maingueneau divulgada nesta edição da Revista *Calidoscópico*. São destacados aspectos relativos à discussão em torno da lingüística como ciência e aspectos relativos ao fazer do linguista.

**ABSTRACT** – This article comments on the publication of the Brazilian version of Dominique Maingueneau’s text “The unity of Linguistics”, released in this edition of *Calidoscópico*. Aspects related to the discussion of Linguistics as a science and to the work of the linguist are highlighted.

**Palavras-chave:** epistemologia da lingüística, língua, discurso.

**Key words:** linguistics epistemology, language, discourse.

Não é comum pospor-se comentários a textos publicados em revistas. Normalmente, as informações referentes aos artigos integrantes de uma revista e a seus respectivos autores são dadas pela editoria responsável, em texto de apresentação geral da revista.

A pergunta que cabe, então, é: a que se deve esta espécie de posfácio ao texto *A unidade da lingüística* de Dominique Maingueneau? Eu diria que sua presença tem o sentido de uma glosa explicativa. Em outras palavras, interessa-me falar, aqui, menos sobre o conteúdo do texto, o seu enunciado, e mais sobre o fato de o texto estar vindo novamente a público neste momento, sua enunciação.

Antes, porém, vale retomar alguns aspectos da história de divulgação desse texto. Uma versão preliminar de *A unidade da lingüística* fora publicada, originalmente, na França, na revista D.R.L.A.V, tendo recebido, no Brasil, publicação (revista e ampliada) em 1990, na Revista D.E.L.T.A. Note-se, porém, que ambas as publicações ocorreram em francês. A revista *Calidoscópico* apresenta, agora, quase 20 anos após a primeira publicação no Brasil, sua tradução para o português.

Pois bem, a que se deve essa ratificação? Ora, penso que a publicação da versão atual pode ser vista sob dois ângulos, ao menos. O primeiro diz respeito à atualidade do procedimento teórico-conceitual adotado por Maingueneau; o segundo diz respeito aos horizontes delineados pelo exame epistemológico que o texto coloca em relevo.

Passemos ao primeiro aspecto.

Como bem lembra Dominique Maingueneau, foi Ferdinand de Saussure, ao menos na versão que é dada de suas idéias no *Curso de lingüística geral* (CLG), quem se ocupou – de forma muito perspicaz, em minha opinião – da relação entre o campo da lingüística e o da exterioridade. No capítulo 4 da *Introdução* do CLG, “Lingüística da língua e lingüística da fala”, Saussure afirma que “Com outorgar à

ciência da língua seu verdadeiro lugar no conjunto do estudo da linguagem, situamos ao mesmo tempo toda a Lingüística” (Saussure, 1975, p. 26). E continua: “Todos os outros elementos da linguagem, que constituem a fala, vêm por si mesmos subordinar-se a esta primeira ciência e é graças a tal subordinação que todas as partes da Lingüística encontram seu lugar natural” (Saussure, 1975, p. 26). Para ele, “... a língua pode ser comparada a uma sinfonia, cuja realidade independe da maneira por que é executada; os erros que podem cometer os músicos que a executam não comprometem em nada tal realidade” (Saussure, 1975, p. 26).

Saussure considera que a atividade de quem fala deve ser estudada num conjunto de disciplinas que somente têm lugar na lingüística pela relação que mantêm com a língua. Por isso que o estudo da linguagem é dividido em duas partes: a primeira, cujo objeto é a língua; a segunda, cujo objeto é a parte individual, a fala. Conforme Saussure, “Cumpra escolher entre dois caminhos impossíveis de triilhar ao mesmo tempo; devem ser seguidos separadamente” (Saussure, 1975, p. 28).

Desse prisma, continua Saussure, a definição de *língua* implica a eliminação de tudo o que seja estranho ao sistema, ou seja, tudo o que pertence ao que ele chamará, no capítulo seguinte, “Elementos internos e elementos externos da língua”, de a “lingüística externa”.

Dominique Maingueneau, em *A unidade da lingüística*, ao recorrer a Saussure para dar consistência às suas formulações, procede de forma muito atual no pensamento geral da história das idéias lingüísticas, isto é: parte do fundador da lingüística para ver como, por esse ato mesmo, Saussure estabelece um modo de pensar sobre o objeto da lingüística.

E, a esse respeito, Saussure não foi ingênuo. O CLG registra que Saussure tinha presentes, para si, de maneira muito clara, as grandes questões que rondavam (e ainda rondam?) a instauração da lingüística como ciência.

Com isso, quero dizer que, se se pode considerar que, de um lado, com a determinação da *lingua* como objeto da lingüística, Ferdinand de Saussure parece trazer paz aos corações aflitos do início do século XX, que clamavam por um objeto tangível e regular; de outro lado, não se pode ignorar que Saussure não desconhecia que a *fala*, ou aquilo que não cabia na definição de *lingua*, problematizava a regularidade do objeto construído.

É isso que está exposto em várias passagens do CLG. Darei apenas um exemplo: o capítulo III da segunda parte, *Identidade, realidade, valores*. Saussure diz:

Quando, numa conferência, ouvimos repetir diversas vezes a palavra Senhores! temos o sentimento de que se trata, toda vez, da mesma expressão, e, no entanto, as variações do volume de sopro e da entonação a apresentam, nas diversas passagens, com diferenças fônicas assaz apreciáveis quanto as que servem, aliás, para distinguir palavras diferentes (cf. fr. pomme, ‘maçã’, e paume, ‘palma’, goutte, ‘gota’ e je goute, ‘eu gosto’, fuir, ‘fugir’, e fouir, ‘cavar’ etc.); ademais, esse sentimento de identidade persiste, se bem que do ponto de vista semântico não haja tampouco identidade absoluta entre um Senhores! e outro [...] (Saussure, 1975, p. 125-126).

Não sem motivo, esta passagem encontra-se em uma parte do *Curso* na qual Saussure se esforça para estabelecer parâmetros de identificação da unidade de análise da lingüística. Ferdinand de Saussure defronta-se aí com um fato fundamental: falamos a mesma língua, mas há algo dela que é específico de quem a fala, logo, irrepetível porque ligado ao tempo da fala.

O fato é que Saussure nomeia uma “lingüística da fala” ao se ocupar da relação entre o campo da lingüística e o da exterioridade, em seu *Curso*, e, como disse acima, impõe a escolha ou do caminho da *lingua*, ou do caminho da *fala*. Essa necessidade de escolha, porém, não impede Saussure de admitir a importância dos estudos da *fala*, pois as relações da língua com a etnologia, com a história política e com as instituições (igreja, escola, etc.) apenas poderiam, segundo ele, ser contempladas pela “Lingüística externa”. Em testemunho disso há o capítulo 5 da *Introdução do CLG, Elementos internos e elementos externos da língua*. Aliás, nunca é demais lembrar: Saussure confere os *status* de lingüística ao estudo da *fala*, ele o denomina de “lingüística da fala”.

Passemos ao segundo aspecto.

Sem querer reduzir o texto de Maingueneau a uma formulação simplista, acredito que é possível considerar que o autor faz o seguinte movimento epistemológico: ao dizer que “a linguagem não é o

objeto de duas lingüísticas situadas lado a lado, cada uma delas assumindo uma parte dos fenômenos da linguagem, *mas é a lingüística que se desdobra para analisar os ‘mesmos’ fenômenos*” (Maingueneau, 1990, grifos do autor), recorre à noção de *plano* para “distinguir dentro do ‘lingüístico’ um *plano gramatical* e um *plano hipergramatical*” (Maingueneau, 1990, grifos do autor).

Com isso, Maingueneau se exime de justapor duas zonas em uma mesma superfície (o centro por oposição à periferia, por exemplo), ao mesmo tempo em que, com o prefixo *-hiper*, designa um tipo de abordagem que vai além “de uma causalidade estritamente lingüística”.

Nessa perspectiva, não é, pois, necessário pensar em duas lingüísticas, mas na mesma lingüística que se transforma para estudar diferentes fenômenos de diferentes pontos de vista: não há um centro (a língua) estudado independentemente do que o cerca; nem há uma periferia. Penso que, nessa configuração epistemológica esboçada por Maingueneau, é o lingüista que é colocado em posição de destaque.

Em minha opinião, esse segundo aspecto do texto de Maingueneau é o que está ainda por ser avaliado na contemporaneidade. Tal aspecto pode receber a forma de uma pergunta, inquietante na sua gênese: afinal, quem é o lingüista?

Como lembra Maingueneau:

[...] a condição do lingüista é complicada. Ele não pode nem aceitar realmente a divisão de seu campo, nem desejar seu fim. Esteja inscrito na abordagem A ou na abordagem A’, ele deve se resignar a compartilhar a lingüística com um outro, que não é nem um semelhante nem um estranho, nem mesmo um verdadeiro concorrente (Maingueneau, 1990).

Ora, creio que uma coisa é certa: está na hora de problematizarmos o lingüista, seu papel, seu fazer, seu saber, seu... É disso que nos fala Maingueneau.

Jean Claude Milner – autor este também lembrado por Maingueneau – intitula o penúltimo capítulo de seu livro *L’amour de La langue de Du linguiste*. Ele começa o capítulo dizendo que “La linguistique en elle-même ne fait pas lien social, elle n’y parvient que dans et par l’Université; en ce sens, il n’y a pas de discours linguistique, mais seulement une spécification du discours universitaire” (Milner, 1978, p. 113)<sup>1</sup>. Mais adiante, e em função do que afirma sobre o lingüista, sentencia: “La linguistique, aujourd’hui, n’intéresse plus guère et même ennue” (Milner, 1978, p. 124)<sup>2</sup>.

Enfim, a atualidade do texto de Maingueneau, principalmente, considerando-se o contexto da lingüística

<sup>1</sup> “A lingüística em si mesma não faz laço social, ela consegue isso apenas na e pela Universidade; nesse sentido, não existe discurso lingüístico, mas somente uma especificação do discurso universitário”.

<sup>2</sup> “A lingüística, hoje, interessa pouco e mesmo entedia”.

brasileira está nisso: quem é (ou seria melhor dizer *o que é?*) o lingüista?

Sua versão para o português veio em boa hora.

### Referências

MAINGUENEAU, D. 1990. The unity of Linguistics. *Revista D.E.L.T.A.*, 6(2):127-137.

MILNER, J.-C. 1978. *L'amour de la langue*. Paris, Seuil, 144 p.

SAUSSURE, F. de. 1975. *Curso de lingüística geral*. São Paulo, Cultrix, 279 p.

*Submetido em: 04/11/2008*

*Aceito em: 12/11/2008*

**Valdir do Nascimento Flores**

Professor associado de Língua Portuguesa

Instituto de Letras da UFRGS e pesquisador CNPq

Porto Alegre, RS, Brasil